



PRÁTICAS DE ENSINAGEM E REDES SOCIAIS NA INTERNET: UM ESTUDO DE CASO DO FACEBOOK COMO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM

Polyana Bittencourt Andrade¹
Denio Santos Azevedo²
Talita de Azevedo Déda³

Resumo

Diante das mudanças sócio-culturais provocadas pelas TIC's é cada vez mais importante compreender os desafios da educação na sociedade contemporânea para acompanhar de forma consciente as tendências. Os sites de redes sociais se multiplicam e nessa mesma proporção aumentam as possibilidades de emitir opiniões, relacionar-se, acessar maior número de informação, produzir e distribuir conteúdo, entre outras que sem preparo e sem maturidade, são ações meramente técnicas, que não exploram o potencial desses ambientes. Esse trabalho objetiva desenvolver um estudo de caso sobre uma experiência de ensinagem cujo ambiente de aprendizagem era o Facebook. O estudo compreende a análise e avaliação da utilização das estratégias de ensinagem como forma de perceber as possibilidades do meio, mobilização e autonomia dos discentes na construção do conhecimento.

Palavras-chave: Aprendizagem, Ensinagem, Estudo de Caso e *Facebook*.

Abstract: Given the socio-cultural changes caused by technology is very important to understand the challenges of education in contemporary society in a conscious way to track trends. The social networking sites are multiplying and this proportion increases the possibilities to express opinions, relate to, to access more information, to produce and distribute content, among others that without preparation and without maturity, are actions technical, not operating the potential of these environments. This work aims to develop a case study of an experience *ensinagem* learning environment which was Facebook. The study includes the analysis and evaluation of the use of strategies ensinagem as a way to realize the possibilities of the medium, mobilization and empowerment of learners in knowledge construction.

Keywords: Learning, *Ensinagem*, Case Study, Facebook

A internet é um ambiente que possibilita o acesso às redes sociais (RECUERO,

¹ Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, professora do curso de Comunicação Social da Universidade Tiradentes, email: polyttencourt@yahoo.com.br

² Doutorando em Sociologia pelo Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe (NPPCS/UFS), professor do Núcleo de Turismo da UFS, e-mail: denio_azevedo@yahoo.com.br

³ Mestre em Ciências da Comunicação, com especialização em audiovisual e multimídia pela Universidade do Minho- Portugal, professora do curso de Comunicação Social da Universidade Tiradentes, email: talitadedada@hotmail.com

2009) de uma parcela significativa da população brasileira, principalmente aqueles que se encontram em formação educacional formal. Os atores sociais que pensam e praticam a educação formal antenados com o ritmo das transformações procuram fazer uso das mais variadas tecnologias e ferramentas disponíveis neste ambiente em plena harmonia com os conteúdos exigidos pelos projetos pedagógicos dos cursos procurando aperfeiçoar o processo de ensinagem.

Por ser o facebook um exemplo concreto de rede social na internet e uma das mais utilizadas por estudantes brasileiros na atualidade, percebeu-se a necessidade em apresentar aos discentes as diversas funções desta como ferramenta possível no processo de ensinagem (ANASTASIOU; ALVES, 2009). Logo após surgiu a necessidade em praticar a construção coletiva, o debate, a discussão e a interação fora do ambiente físico da sala de aula a partir deste recurso didático.

O objetivo central desta pesquisa é fazer um estudo de caso a partir da análise da experiência do uso do *Facebook* enquanto ambiente de aprendizagem na disciplina Jornalismo, Mídia e Tecnologia ministrada no curso de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Tiradentes. O estudo de caso (GIL, 1991) foi realizado durante o primeiro semestre letivo do ano de 2012 no decorrer das práticas de ensinagem da disciplina mencionada. A docente da disciplina, uma das autoras deste escrito, aparece enquanto observadora direta e participativa da pesquisa e percebeu que despertou a atenção dos discentes nestes “novos usos” do *Facebook*.

Após apresentar o programa do curso aos alunos e lançar a proposta de uso do *Facebook* enquanto ambiente de debate e construção coletiva do conhecimento foi criado o grupo no perfil da professora e inseridos todos os discentes matriculados regularmente na disciplina que passaram a ser também “amigos” da informação e do conhecimento motivados pela docente disciplina em questão. Não se trata de um estudo de recepção, mas de observação do ambiente de aprendizagem analisado sob os seguintes aspectos e momentos: estratégias de ensinagem do docente (ponto de partida e de chegada), operações de pensamento, a dinâmica da ação individual e coletiva, modos de fazer aulas, mobilização efetiva dos estudantes, entre outros.

Este artigo se encontra dividido em seções que discutem o *Facebook* enquanto rede social na internet e posteriormente, aborda o estudo de caso enquanto ambiente de aprendizagem. Essa pesquisa concentrou as observações nas estratégias de ensinagem utilizadas e na mobilização gerada por meio dos *posts* dos estudantes e demais realizações

de atividades. Convém ressaltar também que não se pretende considerar o *Facebook* como um ambiente que vai potencializar mais ou menos a construção do conhecimento ou que vai romper barreiras no processo de aprendizagem. A pesquisa pretende estudar por meio da observação como nesse ambiente podem também ser desenvolvidas estratégias de ensinagem, contribuindo assim no processo de aprendizagem. Os estudantes acessam o *Facebook* cada vez mais, portanto é oportuno coincidir o avanço das tecnologias da comunicação e informação com outras formas de ensinagem.

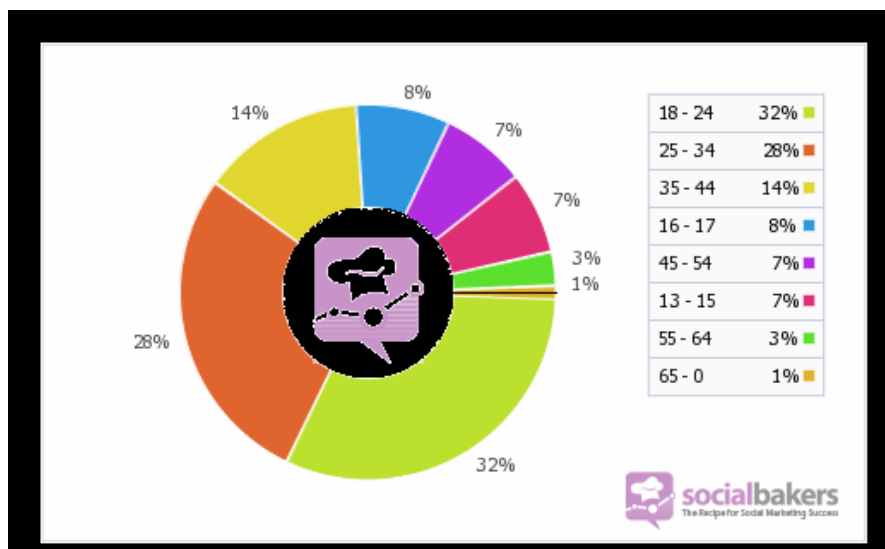
O *Facebook* enquanto rede social na internet e ambiente de aprendizagem

O *Facebook* nasce *Thefacebook* em 2004, como rede privada universitária e segundo Fernandes (2011) “este ambiente propicia a conotação imediata ao ensino”. Já para Páscoa (2012, p. 22) o *Facebook* “era um sítio na Internet vocacionado para a socialização, criando um ambiente fluido onde os rapazes e as raparigas se conheciam com o objetivo de marcar encontros e estarem ligados *online*”. Ou seja, com exceção da sua criação por Mark Zuckerberg, Chris Hughes, Dustin Moskovitz e o brasileiro Eduardo Saverin no interior da Universidade de Harvard e para os discentes desta instituição, já que somente em 2006 o *Facebook* deixa de ser uma exclusividade destes usuários, não havia nenhuma relação inicial com a educação formal. Pode-se afirmar que esta rede social na internet era tão somente e apenas uma extensão das relações de sociabilidade já existentes no interior da instituição de ensino superior.

De acordo com projeções feitas pelo pesquisador Gregory Lyons, da empresa de marketing digital *iCrossing*, em janeiro de 2012, acredita-se que atualmente o *Facebook* já conta com um bilhão de usuários, consolidando-se como a maior rede social da internet no mundo. Atualmente tem sua sede em *Menlo Park*, na Califórnia, e já conta com 3.200 funcionários. Segundo pesquisas desenvolvidas pelo "*Social Bakers*" em agosto de 2012 o Brasil é o segundo país em número de usuários ativos, cerca de 54.282.300⁴, tendo 60% destes entre 18 e 34 anos⁵.

⁴ Os Estados Unidos estariam em 1º lugar com 155.981.300 de usuários ativos; em 3º a Índia com 51.431.600; a Indonésia em 4º com 42.654.140; e o México em 5º com 36.226.540. (<http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/?interval=last-6-months#chart-intervals>).

⁵ <http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/brazil>



User age distribution on Facebook in Brazil –
<http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/brazil>

Recuero (2009) procura ser cuidadosa ao explicar conceitos e tipos de redes sociais e só posteriormente a relaciona à Internet. “A expressão das redes sociais na Internet pode ser resultado do tipo de uso que os atores sociais fazem de suas ferramentas (sites de Redes Sociais)” (RECUERO, 93, 2009). A autora complementa que os Sites de Redes Sociais (SRS) “são espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet”. Nesse caso, destacam-se a visibilidade, articulação, manutenção dos laços sociais e trocas conversacionais como elementos decorrentes desses sites.

Acredita-se, pelos dados coletados nestas pesquisas, que o uso do *Facebook* na educação formal no mundo ainda é algo que estaria em seu estágio inicial⁶. A recusa, o receio da tecnologia, a pouca credibilidade, o desconhecimento e o comodismo por parte de alguns profissionais da educação, levam a não entender a importância destes ambientes e das ferramentas no processo de ensinagem e dificultam a concretização desta prática. Longe de entender o *Facebook* como a grande solução para os problemas educacionais, mas percebendo a relação estabelecida entre os estudantes do ensino superior e estas redes sociais na internet e os dados estatísticos não se pode descartar mais esta possibilidade de construção do conhecimento.

⁶ As 50 páginas mais acessadas pelos usuários do facebook estão diretamente vinculadas as celebridades da música, do cinema e do futebol. Os jogos eletrônicos, filmes, desenhos e páginas de empresas multinacionais fechariam este quadro. (<http://www.socialbakers.com/facebook-pages/>).

publicam-se 2.000 milhões de fotos e 14 milhões de vídeos por mês, há 45 milhões de atualizações por dia, criam-se mais de 3 milhões de eventos por mês e existem mais de 45 milhões de grupos ativos e cada utilizador tem em média 100 amigos e as pessoas gastam em média 19 minutos por dia a utilizar esta rede social digital (PÁSCOA, 2012, p. 22)

No contexto da educação as redes sociais da internet podem ser utilizadas como um ambiente atraente, envolvente, útil e extremamente eficaz no processo de ensinagem.

[...] o termo ensinagem, usado então para indicar uma prática social complexa efetivada entre os sujeitos, professor e aluno, englobando tanto a ação de ensinar quando a de apreender, em um processo contratual, de parceria deliberada e consciente para o enfrentamento na construção do conhecimento escolar, decorrente de ações efetivadas na sala de aula e fora dela. (ANASTASIOU, ALVES, 2009, p.20)

O *Facebook* que aparece para os usuários enquanto ambiente informal de (re)encontro, compartilhamentos, visualizações, sociabilidades e publicização das individualidades aos poucos vem demonstrando aos internautas o quanto estes são formadores de opinião com relativa autonomia.

O contato com as ferramentas, a inovação, a virtualidade e a construção coletiva podem fazer do *Facebook* um grande aliado na elaboração crítica e reflexiva do conhecimento. Realidade que pode ser associada às tendências da educação necessária à sociedade contemporânea. As ações do processo de ensinagem precisam atender à demanda de uma nova forma de apreender e romper com as formas de memorização. O *Facebook* estabelece momentos de experimentação, criação coletiva, compartilhamento do saber concomitantemente ao exercício das competências e habilidades esperadas pelo discente de Comunicação Social- Jornalismo.

Patrício e Gonçalves (2010 a) após estudo de caso em que analisaram os usos do *Facebook* no ensino superior perceberam que a grande maioria dos alunos matriculados na disciplina já tinha uma conta ativa nesta ou em outra rede social na internet, o que gerou uma grande expectativa e atração entre os discentes. Em um primeiro momento procuraram estimular a participação com vídeos, fotografias e divulgação de eventos relacionados ao curso em questão. Em seguida, acrescentaram os slides trabalhados em sala de aula, artigos e livros disponibilizados na internet que complementavam a bibliografia básica da disciplina, debates sobre temas que compunham a ementa, atividades

de pesquisa, dúvidas, dificuldades e demais comentários sobre as atividades desenvolvidas. Por fim os autores listam uma série de aplicativos do *Facebook* que consideram possuir uma “utilidade educativa”, tais como:

Mensagens, envio e recepção de mensagens. Grupos, criação de grupos para a turma ou pequenos grupos de trabalho e estudo. Ligações, partilha de websites educativos interessantes. Notas, adicionar pequenos textos, reflexões ou observações, que podem ser comentadas. Eventos, permite criar eventos como por exemplo, avaliações, proposta e entrega de trabalhos, seminários e workshops. Caixas, ideais para organizar aplicações externas (My delicious, Books iRead). Chat, comunicação em tempo real, ótima para atendimento online aos alunos. My Delicious, armazenar, organizar, catalogar e partilhar os endereços Web favoritos. Slideshare e SlideQ, para partilha de powerpoint e pdf. Quiz Creator, aplicação para criar testes. Books iRead, aplicação que permite partilhar livros, adicionar tags e comentários de amigos; Book Tag, cria listas de livros para leitura da turma, permite criar questionários e reflexões sob a forma de comentários sobre os livros. Files, permite armazenar e recuperar documentos no Facebook. Study Groups – para trabalhos em grupo, coloca em contacto todos os membros do grupo. (PATRÍCIO E GONÇALVES, 2010 a, p. 10/11)

Em uma primeira análise, Patrício e Gonçalves (2010 a) obtiveram uma boa participação dos discentes e uma aceitação de 93% dos envolvidos com a prática. Os referidos autores atribuem ao uso do *Facebook* enquanto ferramenta de promoção da aprendizagem colaborativa a partir do aumento do interesse e da interação com os professores, com os colegas e com o conteúdo.

Numa primeira análise, os resultados parciais deste estudo permitiram evidenciar que os alunos se adaptam melhor às tecnologias quando vão de encontro aos seus interesses e necessidades pessoais. Ou seja, a utilização prévia do Facebook num ambiente de aprendizagem informal contribuiu para que esse ambiente fosse gradualmente organizando-se como um espaço de integração, partilha, comunicação e colaboração entre todos, observando-se já um ambiente propício à aprendizagem formal, cooperativa e colaborativa. (PATRÍCIO E GONÇALVES, 2010 a, p. 13)

Percebe-se que o estudo inicial de Patrício e Gonçalves (2010 a) apresenta um quadro otimista e empolgante do uso de uma rede social na internet, a partir de um contexto específico de uma parcela da sociedade portuguesa. O trabalho ganha relevância a partir do momento em que lista as diversas possibilidades de organização, interação e práticas conjuntas de construção do conhecimento utilizando-se de um ambiente propício

para utilização no processo de ensinagem. Cabem aos docentes avaliar tais aplicativos e perceber a possibilidade destes usos a partir de uma reflexão sobre o público-alvo, as condições físicas, o interesse discente, o trabalho extraclasse e o domínio sobre as ferramentas.

De acordo com respostas do questionário aplicado por Patrício e Gonçalves aos alunos do Instituto Politécnico de Bragança (2010 b) após o uso do *Facebook* enquanto ferramenta específica no processo de ensino/aprendizagem com os discentes aqui já destacados, os mesmos perceberam que desenvolveram competências tecnológicas. Segundo estes houve uma maior interação entre os colegas de turma, maior motivação e interesse na relação com a unidade curricular. Foram destacados ainda pelos alunos a promoção da autonomia e gestão, uma motivação a colaboração, partilha, reflexão, criticidade e a comunicação entre os envolvidos na prática. O *Facebook* passou a ser entendido pelos participantes da pesquisa e da prática como um “ambiente aberto, cooperativo e colaborativo de aprendizagem” (PATRÍCIO E GONÇALVES, 2010 b, p. 597).

Um estudo de caso do *Facebook* e o processo de ensinagem

As Tecnologias de Informação e Comunicação sempre interferiam nos cenários sociais e desde então, o processo de aprendizagem manifesta-se sobre vários aspectos e estratégias. As mudanças acontecem nos discentes e no meio em que eles vivem. As informações são produzidas de forma rápida, abundante e excessiva. O verticalismo hierárquico dá lugar a redes horizontais cujas fronteiras não são espaciais, mas estão relacionadas aos aspectos sócio-culturais. O tempo e espaço se apresentam de forma diferenciada.

Essa lógica caracteriza-se pela *descentralização* (não há uma posição única, e sim uma multiplicidade de conexões), pela *interdependência coordenada* dos elementos (o que implica tanto a solidariedade entre vizinhos quanto o comum das associações ou de grupos ligados por um mesmo projeto), pela *abertura* (capacidade de extensão da rede), pela *particularização* (formação de nichos relacionais no interior de um conjunto ou subconjuntos autônomos e legítimos), pela *acessibilidade* (a partir de um ponto, pode-se atingir qualquer outro) e pela *mobilidade* (liberação ou plasticidade dos movimentos). Estas características implicam desterritorialização – e reterritorialização – de espaços

tradicionalmente demarcados. (SODRÉ, 2012, p.166)

Do ponto de vista da educação, essas alterações interferem ou devem interferir no processo de ensinar e apreender. Portanto, é oportuno estudar experiências que superam os modelos tradicionais e objetivam propor uma ação de ensino da qual resulta da autonomia e aprendizagem do estudante. O estudo de caso foi desenvolvido em uma turma com 20 alunos do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. As aulas eram “feitas” em sala composta por computadores cuja quantidade permitia a média de um aluno por máquina. Entende-se por estudo de caso aquele que permite uma vivência, técnica da observação e da pesquisa para compreender o objeto analisado.

A maior utilidade do estudo de caso é verificada nas pesquisas exploratórias. Por sua flexibilidade, é recomendável nas fases de uma investigação sobre temas complexos, para a construção de hipóteses ou reformulação do problema. Também se aplica com pertinência nas situações em que o objeto de estudo já é suficientemente conhecido a ponto de ser enquadrado em determinado tipo ideal (GIL, 1991, p. 140).

A análise dessa experiência será feita a partir da observação das estratégias de ensinagem utilizadas pela docente. Entende-se por estratégia a “arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis, com vista à consecução de objetivos específicos” (ANASTASIOU, ALVES, 2009, p.75-76). Não se pretende aqui comparar o conteúdo, nem o Plano de Ensino e Aprendizagem, mas perceber o trabalho do docente como um processo que envolve um conjunto de pessoas na construção de saberes. Portanto, à medida que as estratégias forem sendo analisadas o conteúdo da atividade será manifestado concomitantemente.

[...] O docente deve propor ações que desafiem ou possibilitem o desenvolvimento de operações mentais. Para isso, organizam-se os processos de apreensão de tal maneira que as operações de pensamento sejam despertadas, exercitadas, construídas e flexibilizadas pelas necessárias rupturas, por meio de mobilização, construção das sínteses, devendo estar sendo vistas e revistas, possibilitando ao estudante sensações ou estados de espírito carregados de vivência pessoal e de renovação. (ANASTASIOU, ALVES, 2009, p.76)

Anastasiou e Alves (2009) afirmam que as estratégias têm pontos de partida e de chegada. Para que os objetivos sejam alcançados, seus critérios precisam estar bem

definidos tanto para os professores quanto para os alunos. Elas são fundamentais para selecionar as dinâmicas, momento da execução, entre outros. Embora seja hábito optar pelas aulas expositivas, o docente precisa estar aberto a adotar outras estratégias de ensinagem bem como situações de contradição, incerteza, imprevisibilidade destacadas em um contexto não mais marcado pela expectativa de causa-efeito. Dessa forma, eles propõem:

Para romper com as formas tradicionais memorizativas, estabelecidas ao longo da história, a saída tem sido a criação coletiva de momentos de experimentação, vivência e reflexão sistemática, com relatos de experiências socializados pelos colegas, em que dificuldades são objeto de estudo, visando à superação dos entraves. (ANASTASIOU, ALVES, 2009, p.79)

Ainda que esse processo seja ousado e pouco realizado na maioria das instituições de ensino, o professor possui mínima autonomia para começar a implementar estratégias e propor mudanças. Foi o que aconteceu com o estudo aqui proposto. A professora escolheu o *Facebook* como sendo o ambiente potencializador das aulas e mecanismo de consolidação das atividades. A intenção era adotar o grupo da disciplina como um “caderno coletivo” em que todos os membros postam atividades, comentários e demais atividades. Trata-se de uma modalidade de aprender e nesse caso, foi uma alternativa encontrada para enfrentar os desafios da educação e desenvolver nos estudantes as competências necessárias. Delors (1999) citado por Anastasiou; Alves (2009, p.121) baseado no relatório da UNESCO e ressaltou que educar significa desenvolver as quatro competências básicas, consideradas os quatro pilares da educação: competência pessoal - aprender a ser; competência relacional - aprender a conviver; competência produtiva - aprender a fazer e a competência cognitiva - aprender a conhecer.

Como o ponto de partida é a prática social do aluno, esse procedimento é apresentado para os alunos como oportunidade de dar ao *Facebook* uma função de mobilização e extensão da disciplina. Para tanto, normas de comportamento e conteúdo dos *posts* foram orientadas para evitar constrangimentos e exposições dos membros do grupo, ainda que seja caracterizado como grupo fechado, ou seja, de uso exclusivo dos discentes e da docente da matéria de ensino. Os discentes foram orientados a publicar somente o conteúdo relacionado à disciplina ou relacionado a temas de interesse em comum, como eventos, cursos, pesquisas científicas, entre outros. Uma espécie de tutorial foi

disponibilizado no grupo **como forma de suprir possíveis dúvidas**⁷.

Existem várias estratégias de ensino, porém nesse estudo foram priorizadas as que foram utilizadas durante as aulas da disciplina Jornalismo, Mídia e Tecnologia. Convém ressaltar que o texto restringirá às estratégias realizadas no grupo do *Facebook*. Porém outras foram desenvolvidas fora do site de rede social como aula expositiva e dialogada, estudo dirigido, seminário, júri simulado e ensino com pesquisa. As estratégias de trabalho docente utilizadas no *Facebook* foram: a) Estudo de texto; b) Lista de discussão por meios informatizados; c) Solução de problemas.

Entende-se por estudo de texto “a exploração de ideias de um autor a partir do estudo crítico de um texto e/ou a busca de informações e exploração de ideias dos autores estudados” (ANASTASIOU; ALVES, 2009, p.87). O estudo de texto foi solicitado no decorrer de todo o semestre e a avaliação do desempenho se deu por meio da interpretação do conteúdo exposta pelos estudantes no grupo bem como a escrita, análise e síntese. A definição do texto já passava por uma tentativa de mobilização uma vez que os estudantes puderam escolher e sugerir textos para o estudo. Não foram leituras e discussões sistematizadas por meio de esquemas ou resumos, pois os textos eram ofertados em momentos extraclasse como forma de estimular o hábito da leitura e interpretação.

Em alguns casos a docente responsável sugeriu um texto e destacou a importância do conteúdo, mas não houve repercussão no grupo. Foi o caso do texto intitulado Jornalismo em software reproduzido pelo *globo.com*. Percebe-se que esse comportamento se deu com uma proposta que iniciou no grupo do *Facebook*. Ou seja, a professora não o mencionou em sala de aula, não foi despertado no discente o interesse pela leitura e discussão. Evidente que pode haver outras razões.

Entretanto, quando se estabeleceu em sala de aula, um texto e a atividade em que ele seria utilizado, a mobilização dos membros foi efetiva. O texto abordava o financiamento público do jornalismo, uma espécie de *crowdfunding* no jornalismo. Os membros teriam que postar uma síntese da compreensão do texto bem como comentar os demais *posts*. Aos poucos a competência cognitiva de aprender a conhecer foi desenvolvida, pois eles sentiram a necessidade de agir para descobrir. Perceberam que só obteriam resultados se fossem buscá-los. A autonomia e o espírito de iniciativa foram provocados nesta estratégia.

⁷ <http://www.facebookfacil.com.br/>

O próprio grupo já era uma espécie de lista de discussão por meios informatizados. Em alguns momentos essa estratégia se confunde com o estudo de texto já mencionado acima.

“É a oportunidade de um grupo de pessoas poder debater, à distância, um tema sobre o qual sejam especialistas ou tenham realizado um estudo prévio, ou queiram aprofundá-lo por meio eletrônico” (ANASTASIOU; ALVES, 2009, p.92). Nessa estratégia foi possível desenvolver a competência relacional. O outro é um elemento fundamental, pois além de ler a produção alheia ele “curte” e repercute o grau de relevância do que foi publicado. A ferramenta ‘Curtir’ e a indicação de visualização do *post* no *Facebook* podem servir de estímulo e zelo com a produção individual. Embora haja diversidade de opiniões, de análises e de comportamentos os membros são unidos por projetos comuns. Esse fator é fundamental para estabelecer relações de parcerias, pois há uma interdependência. Publicar sua produção não é suficiente, ela deve ser conhecida pelo outro. O aluno aprende a conviver e aprender a ser. Há aí a dinâmica da ação individual e coletiva.

O grupo possibilitou também a discussão sobre conteúdo de palestras disponíveis no formato disponível no site TED⁸. Alguns membros publicavam conteúdo e esse era o motivador para o início dos comentários. É importante considerar que o grupo foi utilizado para estabelecer diálogo entre o docente e os discentes; incluir orientações em horários distintos do que é estabelecido pela disciplina; avaliar a mobilização e carências dos membros; publicar avisos; compartilhar com demais membros recursos que complementam a discussão realizada em sala; entre outros.

O acompanhamento das participações, da qualidade das inclusões foi fundamental. Quando lê e comenta a publicação do aluno, a docente desperta naquele o entusiasmo e a mobilização. Embora não haja uma relação hierárquica no grupo, o professor é visto como o responsável pelo processo de ensinagem. Anastasiou e Alves (2009) qualificam essa estratégia como inovadora que gera o interesse de muitos alunos para utilizar a tecnologia e compartilhar experiências. Embora essas estratégias de ensinagem não contemplassem atividades em grupos, o ambiente da rede social era grupal, pois os alunos/amigos dividiam no *Facebook* dificuldades bem como informações de interesse da maioria.

Normalmente as mudanças causam expectativas, impactos, dificuldades e

⁸ <http://www.ted.com>

rejeições diversas naqueles que a sofrem. No caso observado, a professora constata que os obstáculos precisavam ser superados, principalmente, por alguns discentes acostumados ao modelo de educação tradicional. Em todas as estratégias havia uma pequena parcela dos membros que demonstraram insegurança em atuar no ambiente como o do site de rede social. Alguns discentes tiveram dificuldade de lidar não somente com a rede social como também com propostas que exigiam iniciativa e autonomia, ainda que o professor acompanhasse o desempenho dos membros.

Quando o professor é desafiado a atuar numa nova visão em relação ao processo de ensino e de aprendizagem, poderá encontrar dificuldades, até mesmo pessoais, de se colocar numa diferenciada ação docente. Geralmente, essa dificuldade se inicia pela própria compreensão da necessidade de ruptura com o repasse tradicional. (ANASTASIOU; ALVES, 2009, p.78)

A descrição dessa estratégia de solução de problemas é o “enfrentamento de uma situação nova, exigindo pensamento reflexivo, crítico e criativo a partir dos dados expressos na descrição do problema; demanda a aplicação de princípios, leis que podem ou não ser expressas em fórmulas matemática” (ANASTASIOU; ALVES, 2009, p.93). Um dos momentos em que foi utilizada essa estratégia de trabalho foi quando o conteúdo era jornalismo baseado em banco de dados. De forma interdisciplinar a turma fez uma visita ao Museu da Gente Sergipana⁹. O tema da atividade que foi desenvolvida posteriormente foi museu. Como na época, o conteúdo abordado era jornalismo baseado em banco de dados, o discente deveria escolher uma plataforma de base de dados para ilustrar uma pauta jornalística que abordasse algum aspecto relacionado a museu. Posteriormente eles compartilharam no grupo a solução encontrada. Muitos alunos demonstraram dificuldades, pois foi o primeiro contato com o assunto. Entretanto, a maioria teve êxito ao desenvolver o problema. Anastasiou e Alves (2009, p.93) afirmam que a estratégia de resolução de problemas

exige uma constante continuidade e ruptura, no levantamento e na análise dos dados e na busca e construção de diferentes alternativas para a

⁹ Inaugurado em 2011, o Museu da Gente Sergipana está localizado no Centro Histórico de Aracaju e de acordo com o seu projeto inicial estaria voltado para dar visibilidade as diversas interpretações da identidade sergipana. Maiores informações em: <http://www.museudagentesergipana.com.br/web/>

solução. Possibilita a *práxis* reflexiva e perceptiva, a *problematização* – cerne e centro da própria atividade –, a criticidade na identificação da solução e a *totalidade*, pois tudo está interligado e mutuamente dependente.

O desafio de lidar com um assunto novo e praticar a pesquisa em plataformas que foram conhecendo à medida iam utilizando mobilizou o grupo de discentes que demonstrou satisfação em ter encontrado solução para a realidade apresentada. Com o monitoramento e orientação do docente, os discentes construíram o conhecimento com certa autonomia. O problema foi exposto e coube a cada um escolher caminhos. Essa estratégia estimulou a pesquisa e a descoberta de elementos e atitudes comuns à área profissional. A avaliação dos resultados foi compartilhada, pois a professora leu os *posts*, comentou e, em alguns casos publicou algumas recomendações. Ressalta-se que embora os resultados tenham sido publicados em um lugar comum, não houve semelhança no conteúdo dos *posts*.

Eventualmente durante o semestre, havia alunos que faziam intervenções e apresentavam informações que despertava a atenção dos demais presentes. Como eles demonstraram interesse no assunto, eram convidados a encarar alguns desafios. Percebe-se um clima de cordialidade e parceria. Nas figuras abaixo seguem alguns exemplos de convite e aceite dos mesmos. Nos texto, eles estão cientes dos desafios e dispostos a respondê-los ainda que não se trate de pontuação para nota. A aluna mencionada no *print* abaixo demonstrou timidez ao ter que se apresentar perante os colegas, mas aceitou e apresentou a pesquisa sobre QR Code com segurança. Durante o semestre, somente um aluno não apresentou a pesquisa solicitada. Nesse caso, os discentes desenvolveram as habilidades de pesquisa quando selecionaram conteúdo, analisaram, organizaram os dados e sintetizaram a ideia para compartilhar com os demais colegas a compreensão do mesmo.



Prints de momentos vivenciados no grupo da disciplina Jornalismo, Mídia e Tecnologia.

Em todas as estratégias, a intenção proporcionar ao discente a ação necessária para o processo de aprendizagem. A competência de fazer foi estimulada não somente no sentido de desenvolver atividades relacionadas ao exercício profissional, mas principalmente porque ofereceu ao discente um desafio mais amplo de enfrentar situações que exigiam experiências adquiridas ao longo da vida. Os *prints* acima registram a linguagem utilizada pelos discentes e pela docente. Embora como propósito acadêmico, ambos se comunicam em tom conversacional o que pode gerar empatia e engajamento.

Considerações Finais

A descrição e análise necessárias para a elaboração do estudo de caso permitiu concluir que o *Facebook* foi um ambiente eficaz de aprendizagem na disciplina Jornalismo, Mídia e Tecnologia. Os estudantes foram mobilizados a buscar e ampliar conhecimentos. Entretanto é importante ressaltar que esse comportamento teve variantes. Alguns alunos demonstraram resistência e dificuldade em estudar no ambiente, embora estivessem conscientes do propósito da estratégia de ensinagem.

Percebeu-se que ocorreu um processo de parceria entre professores e amigos/alunos durante a elaboração de determinadas atividades e enfrentamento de desafios. Portanto, acredita-se que a prática social do aluno foi determinante no processo de construção do conhecimento. A análise das estratégias de ensinagem do docente permitiu concluir que os resultados dependem do contexto construído por meio da parceria entre os discentes e docentes. Não basta selecionar, organizar conteúdo e apresentá-lo, pois para compartilhar e construir conhecimento é preciso orientar, mobilizar e criar condições de ações criativas e autônomas. O ambiente por si só não permitirá isso, pois é cada vez mais importante a relação do professor com a construção coletiva do conhecimento no processo de ensino e aprendizagem. Os alunos têm mais acesso às informações e cada vez mais necessidade de orientação para desenvolver e estimular a competência cognitiva. Isso é possível quando se constrói um ambiente propício ao compartilhamento do saber e principalmente à descoberta e à curiosidade.

O discente e o docente precisam estar preparados para lidar com novas formas desse processo. Essa experiência permitiu identificar resistência bem como mudança no comportamento dos discentes. No início, muitos estavam preocupados em executar e publicar a atividade no *Facebook*. Depois despertaram o interesse de ler os posts dos

colegas e comentá-los posteriormente. Essa ação também foi vista como uma forma de aprender. Incentiva o diálogo de estudantes, pois amplia as possibilidades de ação uma vez que a noção de tempo e espaço muda e os momentos de aprendizagem continuam no decorrer das semanas. A mobilização dos estudantes foi sendo ampliada à medida que eles despertavam para a consciência de que o processo dependia principalmente dele. Não é apenas produzir para obter nota, mas para ter algo a oferecer e compartilhar com os demais membros. Além da autonomia, isso gera no discente parte da responsabilidade pelo encaminhamento da disciplina, pois ele é consciente do papel que precisa desempenhar.

Diante dos avanços tecnológicos e as mudanças que eles têm provocado, a educação precisa estimular cada vez mais as competências cognitivas para que os discentes não fiquem submersos ao turbilhão de informações, com limitações para escolher, descobrir e atuar como donos do seu próprio destino. Se esse estudo permitiu identificar dificuldades e diferentes comportamentos entre os discentes é uma prova de que o processo de ensino e aprendizagem é desafiador e sempre terá conflitos e confrontos.

Referências

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC: UNIVILLE, 2009.

FERNANDES, Luís. **Redes Sociais Online e Educação**: contributo do facebook no contexto das comunidades virtuais de aprendentes. Lisboa: Universidade de Nova Lisboa, 2011. Disponível em:< http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf>. Acesso em: 29/07/2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

PÁSCOA, Gina Maria Gouveia. **O contributo da web social – rede social facebook – para a promoção do envelhecimento ativo**: estudo de caso realizado na USALBI. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa/Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2012. (Dissertação de Mestrado em Política Social). Disponível em:< <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/4427/3/Tese.pdf>>. Acesso em: 02/08/2012.

PATRÍCIO, Maria Raquel; GONÇALVES, Vítor. **Utilização educativa do facebook no ensino superior**. In: I Conference learning and teaching in higher education. Évora: Universidade de Évora, 2010a. Disponível em:<



<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/2879/4/7104.pdf>>. Acesso em: 23/07/2012.

_____. **Facebook**: rede social educativa? In: I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa/ Instituto de Educação, 2010. p. 593-598. Disponível em:< <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>>. Acesso em: 23/07/2012.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Sulina, Porto Alegre: 2009

SOCIAL BAKERS. **Brazil Facebook Statistics**. Disponível em:< <http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/brazil>>. Acesso em 8.8.2012.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação**. Diversidade, descolonização e redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.